

## A Presença da Voz



Oralidade em Tempo e Espaço – Colóquio Paul  
Zumthor (SP, EDUC, 1999) Jerusa Pires Ferreira (org.)

por **Flavia Bancher**

As grandes idéias sempre surgem em momentos de descontração. Pois foi justamente à mesa de um café parisiense que Jerusa Pires Ferreira idealizou juntamente com Idelette Fonseca dos Santos, o colóquio *Paul Zumthor Oralidade em Tempo e Espaço*, realizado pelo Núcleo de Poéticas da Oralidade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo, entre 13 e 15 de agosto de 1997. A pluralidade de vozes do colóquio remete à mesma qualidade em Zumthor, um pensador “movente” da cultura, respeitado medievalista, sobretudo com estudos que envolvem as poéticas do oral e do vocal, mas que também foi autor de livros de ficção e poesia. Como diz a própria professora Jerusa na introdução do livro, tentou-se cobrir o amplo leque de interesses de Zumthor, indo dos estudos medievais às culturas tradicionais, do universo da oralidade presente nas performances contemporâneas à reflexão sobre as mediatizações, aos

experimentos da poesia sonora e assim por diante. O colóquio apresentou quatro divisões temáticas abrangentes, possibilitando múltiplos diálogos entre áreas e pesquisadores. Na primeira delas, chamada *Um tributo: voz, imagem, letra e canto*, Irene Machado, em *Voz e valor na constituição da textualidade* tem no conjunto das idéias de Zumthor em seu *Babel ou l'inachèvement* uma perspectiva para analisar suas formulações acerca de texto oral, voz como valor, mito e movência, entre outros temas. Já Amálio Pinheiro encontra em *A letra e a voz*, de Zumthor, o reconhecimento da materialidade produtiva da voz no contexto da palavra poética e aponta que muitas obras poéticas poderiam ser lidas considerando-se as várias gradações da inscrição vocal na escritura. Pergunta-se, ainda, sobre como atua um conjunto de situações sógnicas instauradas pela voz em um espaço cultural como o latino-americano.

A segunda divisão temática do colóquio chamou-se *Poéticas em movimento*. Nela, Ludmila de Lima Brandão apresenta suas reflexões sobre *La mesure du monde*, onde Zumthor desenvolve idéias sobre espaço e nomadismo. Fazendo-o dialogar com Deleuze e Guattari, Varela e outros a autora nos apresenta o espaço de Zumthor como aquele que se configura instantaneamente em cada experiência, o espaço vivido, nômade. Já Samba Diop, em *The West African Griot Tradition and Oral Heritage in the New World* aponta, entre outros fatores, a continuidade da tradição oral dos povos da África ocidental em manifestações verbais que sobreviveram na América do Norte, por exemplo, trazidas pelos escravos e continuadas por seus descendentes de forma híbrida. Nesse contexto, apresenta a tradição dos griôs, similar a dos menestréis, da qual certos traços aparecem, por exemplo, nos cultos da igreja afro-norte-americana. E traz para sua reflexão conceitos de Zumthor desenvolvidos em seu *Introduction à la poesie orale*.

Na terceira divisão temática, Zumthor inspira as reflexões de Philadelpho Menezes acerca da poesia sonora. Ele mostra, entre outras coisas, como no ensaio *Poesia do espaço – novos territórios para uma nova oralidade* Zumthor distingue as experiências da poesia sonora do universo da poesia oral e estabelece a relação entre poesia visual e sonora. Segundo Menezes, a aproximação de Zumthor com os poetas sonoros impulsionou a produção teórica da área e de certa forma contribuiu para a ampliação do espaço de manifestações da poesia sonora. Confirma-se, assim, a “movência” de Zumthor do medieval ao mais contemporâneo. Já Hudson Moura ao se debruçar sobre o cinema de Vladimir Carvalho trata de temas como a oscilação entre o real e o ficcional na fala do filme documentário. Aponta que a memória oral é o grande trunfo dos documentários, dando credibilidade ao registro, mas não exclui o fabuloso, já que há uma contaminação da memória do passado pelo presente e, portanto, não há verdade da história mas visões dessa mesma história. Na fabulação da história narrada criam-se as lendas e os mitos sobre os fatos. Em *No corpo-a-corpo entre a letra e a voz*, Maria Antonieta Antonacci mostra que a História Social não pode desconsiderar a manifestação de sujeitos imersos em tradições de oralidade. Junto aos caminhos abertos pela História Oral, as reflexões de Zumthor ajudam a problematizar, segundo a autora, as construções históricas do letramento no mundo urbano, abrindo um diálogo com sujeitos da oralidade. Há toda uma memória sedimentada no corpo e na voz a ser considerada em trabalhos como os de Gilmário Moreira Brito, que trabalha o confronto entre uma cultura letrada urbana em expansão desde o litoral e uma cultura oral sertaneja. Ou no trabalho de Charles d’Almeida Santana ao refletir sobre as temporalidades da memória de migrantes do Recôncavo Baiano.

Chegamos, então, à última divisão temática do Colóquio, *Performance e Epifania*, onde Renato Cohen aborda o fenômeno da

performance, tecendo uma análise sobre a passagem das sociedades orais à cultura escrita, e dessa ao universo da cibercultura e suas implicações sobre o ato performático. Segundo o autor, o real mediatizado é elevado ao paroxismo pelas novas tecnologias, onde suportes telemáticos simulam outras relações de presença, imagem e virtualidade. Mas, ao mesmo tempo, os processos primários de comunicação permanecem, na expressividade do gesto, da voz que articula e da palavra que cria campos de significação. E as reflexões teóricas de Zumthor perpassam todas essas questões e fundamentam o entendimento de como a performance se estrutura no contemporâneo. Já Lúcio Agra, em uma homenagem a Zumthor, visto por ele como um pensador de vanguarda, cria um terceiro texto a partir de outros dois: um de Zumthor e outro de John Cage (em tradução de Augusto de Campos), fazendo, se podemos assim dizer, a questão da oralidade nas vanguardas se mesclar paradoxalmente à expressão sonora do silêncio.

A presente resenha não pretende dar conta de todos os artigos do livro, é tão somente uma visão geral desta obra, resultado do Colóquio Paul Zumthor – Oralidade em Tempo e Espaço. Como disse Jerusa Pires Ferreira em posfácio à *Escritura e Nomadismo*, Zumthor, ao buscar sua identidade, encontrou “na inteireza de sua conversão provisória, no envolvimento e no respeito pelas mais diversas culturas [...] a melhor forma de situar-se como pensador, cidadão e criatura humana”. Se esta resenha tem alguma pretensão, é a de instigar aqueles leitores que, assim como Zumthor, encontram nessa postura nômade diante do mundo a sua identidade, o seu lar.

**Flavia Bancher**, jornalista e tradutora, autora de *A Queda do Muro de Berlim e a Presentificação da História*. Ateliê Editorial/Fapesp, São Paulo, 2003. [E-mail: flban@yahoo.com.br]